

*Fátima*

---



## O fenómeno

A devoção mariana está tradicionalmente ligada à piedade popular dos portugueses, às invocações místicas da fundação e da restauração, às conquistas, aos mártires e cavaleiros que fizeram a Nação. Fátima surge neste percurso mítico, mas é também a história de cada um dos milhões de pessoas que ali se deslocam há mais de 90 anos. Transformou-se numa plataforma nacional e identitária – é ver a forma como a devoção permanece na diáspora portuguesa. O mistério maior, que não é segredo, reside nas motivações de cada peregrino. Vivem, morrem ou permanecem na memória que transita de geração em geração. Como inadvertida obrigação, milhões de pessoas cumprem todos os anos os caminhos de Fátima no itinerário cultural e religioso português. A maioria, entre excursões turísticas e visitantes ocasionais, uns mais devotos que outros ou apenas curiosos, não vem nos meses das tradicionais enchentes de maio, agosto e outubro.

No recente *Estudo sobre o perfil do visitante de Fátima*, da autoria de Maria da Graça Poças, editado pelo Centro de Investigação Identidades e Diversidades com as Edições Afrontamento para a Região de Turismo Leiria/Fátima, apenas 1,6% dos visitantes de Fátima escolhem os dias das celebrações aniversárias. Mais de 60% têm outras motivações para a escolha da data, incluindo os fins de semana do resto do ano. Muitos repetem uma ou várias vezes por ano. Quase 30% deslocam-se à Cova da Iria nas férias. 45,8% dizem que vão para rezar, 22,2% para cumprir promessas e 15,3% por tradição. Nos mais recentes censos, cerca de 90% dos portugueses dizem que são católicos, mas faz-se a distinção entre os “praticantes” e os “não praticantes”, que são a maioria. O *Estudo sobre o perfil do visitante de Fátima* revela que quase 30% dos visitantes de Fátima se considera “leigo não praticante”, havendo 2,8% dos visitantes que são ateus ou professam outra religião, cerca de 150 mil por ano. Quase 60% dos vi-

JOAQUIM FRANCO

sitantes adultos de Fátima têm mais de 50 anos. A maioria dos inquiridos no estudo, entre peregrinos e turistas, são mulheres. Entre os “pontos fortes” de Fátima como “área recetora”, é destacada a área geográfica – centro do País, com fácil acessibilidade –, a grande capacidade hoteleira e de restauração com preços acessíveis, os novos pólos de interesse como a nova igreja da Santíssima Trindade, a diversidade na oferta turística da região, a notoriedade internacional do Santuário de Fátima – a marca Fátima.

Nos aspectos religiosos, o santuário é atraente pela devoção mariana, pela simplicidade das expressões populares de fé, pela estreita ligação ao pontificado de João Paulo II, a persistência e durabilidade do “magnetismo espiritual”, preservando uma certa sacralidade do espaço religioso, a sua ecologia específica e a área envolvente.

Sendo um espaço católico, o perfil dos visitantes dá-lhe uma grande amplitude social e religiosa. Esperava-se da Igreja católica uma abordagem plural e interdisciplinar, mas os responsáveis pela difusão do fenómeno insistem numa mensagem de Fátima com interpretações teologicamente limitadas e pouco sociológicas. Basta ler as propostas finais – *Memórias para o Futuro* – do Congresso Internacional Fátima para o Século XXI, realizado em 2008. A polémica em que o santuário se envolveu com a mediatização de visitas de crentes de outras religiões, que partilham o “magnetismo espiritual” do espaço, é paradigmática.

Com a capa da espiritualidade, a mensagem de Fátima foi também, ao longo de décadas, um instrumento de subterrâneo proselitismo político, usado pela direita anticomunista e conservadora, alicerçada nos Estados Unidos e semeada um pouco por todo o mundo no contexto da guerra-fria. O *Blue Army* – Exército Azul –, fundado por um americano, foi uma das mais eficazes máquinas de divulgação de Fátima no mundo, atuando paralelamente à devoção contagiante da diáspora portuguesa. O reconhecimento do fenómeno com visitas papais daria à devoção a legitimidade decisiva. Por outro lado, e numa perspectiva meramente eclesial, Fátima sustenta a figura do Papa, porque a figura do Papa é legitimada na mensagem de Fátima.

O ambiente “magnético” pode ter semelhanças com outros fenómenos de massas. As grandes concentrações têm a capacidade de ampliar o potencial de manipulação e aniquilação do indivíduo. Mas Fátima não é comparável a um comício ou a um evento desportivo. Não é um encontro acéfalo com um líder ou um agitador. Sendo uma oleada máquina de fé, produz uma experiência religiosa apelativa. Os devotos sentem-se intimamente interpelados com a presença no local e encontram variadas formas ou mecanismos de compensação. Quem assiste ano após ano às

grandes peregrinações, com a devida distância crítica, percebe que não se trata de uma manifestação de alheamento do “eu”, despida de sentimentos e de motivações pessoais.

A secularização, o fim da luta de classes, a evolução positivista ou a neurose... vêm do século XIX várias teorias que preconizam o fim da religião. Fátima contraria este pré- anúncio de “desencantamento” (Max Weber), mantendo o sagrado no tempo e no espaço das massas.

A eventual prevalência de gente humilde e pobre entre as multidões de peregrinos suscita leituras elitistas sobre o fenómeno de Fátima. Alega-se que não são apenas pobres financeiramente, mas também na cultura, com baixas qualificações e suscetíveis. Este fator determinará a maior ou menor generosidade dos fiéis na Procura e no Encontro? Pode levar-nos a dizer que a religiosidade destas pessoas é mais ou menos formada? No impacto concreto e pessoal da dinâmica de fé, há diferença entre a simplicidade daquilo que não é tão iluminado ou culto e uma devoção mais racionalista?

Com mais ou menos coerência, vigor e visibilidade, mais ou menos individualizada, a honestidade é parte integrante da experiência de Fátima.

A fé de Fátima é o local, um destino de caminhada, um reencontro com a multiplicidade de leituras e experiências que atravessam o íntimo. Por isso, é possível encontrar ali gente que abomina e contesta a envolvente comercial, e gente que aceita e sustenta uma certa dimensão mercantilista do Santuário. Não há “o” peregrino de Fátima, há “os” peregrinos de Fátima que não se anulam na multidão, cada qual com as suas motivações espirituais ou materiais, alicerçadas num mistério simbolicamente maternal, seja com as balizas da devoção mariana mais tradicional da fé católica ou no retorno simbólico – como caminho para o encerramento de um ciclo, um desejo natural – ao ventre protetor. Antigo aluno de Ratzinger, o bispo de Leiria-Fátima vê em Fátima “o coração materno de Portugal”. Na saudação ao Papa, D. António Marto chamou-lhe “cenáculo a céu aberto”.

Fátima renasce todos os dias sem aparições, nos dramas concretos da vida, transformados em lágrimas de cera, promessas por revelar, dádivas monetárias, no simples silêncio de uma presença, com alegrias e tristezas que fazem milagres e com o magnetismo da fé vivenciada em multidão. Se as aparições e os relatos não são dogma e carecem da fé, o local preenche os requisitos do sagrado e evoluiu para uma experiência religiosa com fronteiras indefinidas.

É também em Fátima que se desenvolve o maior “consultório” português da alma. Ao contrário da tendência um pouco por todo o

JOAQUIM FRANCO

mundo católico, o chamado sacramento da reconciliação – confissão, na linguagem popular – tem cada vez mais procura em Fátima. A nova igreja da Santíssima Trindade, construída com as ofertas dos peregrinos – que, nas palavras do reitor do santuário, são maioritariamente gente simples e pobre –, tem uma das maiores concentrações de confessionários em várias línguas. O acesso é fácil e, enquanto espera por um confessionário disponível para o padre confessor ouvir a confissão, o confessando experimenta o conforto de uma sala ampla, em silêncio, ao jeito de um consultório modernamente mobilado. Nos dias de maior procura, um grupo de religiosas ajuda os fiéis, encaminhando-os para as cabines, oferecendo uma primeira palavra de conforto, um sorriso de simpatia que prepara o ambiente para que sejam deitadas cá para fora as mais recalcadas e obscuras culpas. Logo após a confissão, mergulhará de novo no silêncio de uma acolhedora capela ali ao lado. Não é uma clínica e não tem profissionais para o tratamento das mazelas da mente, problemas de outra ordem. Mas, como disse um dia o teólogo e biblista franciscano capuchinho frei Fernando Ventura, com anos de proximidade a Fátima, “o santuário oferece o ‘psicólogo’ que este povo não pode ter”. É com este cenário que se debatem os pensadores da racionalidade. Quando o cardeal Tarcício Bertone, legado pontifício para a inauguração da igreja da Santíssima Trindade, em Outubro de 2007, colocou os peregrinos, o povo, em último lugar – “por fim...” – nos agradecimentos pela construção da nova igreja, revelou, como tantos críticos e até gente na hierarquia eclesiástica, não ter compreendido o verdadeiro “segredo” de Fátima.

## O antecessor

A multidão que acolheu Bento XVI no dia 12 de maio de 2010 no Santuário de Fátima esteve aquém da que o encheu no dia 12 de maio de 2000 para receber o Papa Wojtyła, na sua derradeira viagem à Cova da Iria. A comunicação social alimentou o facto, inegável, de uma menor simpatia para com Bento XVI. “O outro é que era”, disse uma peregrina em direto numa reportagem televisiva, “João Paulo II é um santo e ajudou-me muito”. A estátua de João Paulo II, que dá nome à praça em frente da nova igreja inaugurada em 2007, tem sido local de precoce veneração. Ali se deslocam os peregrinos para tocarem na obra do polaco Czeslaw Dzwigaj, em bronze, com 3,5 m de altura, inspirada na imagem do Papa peregrino que esteve em Fátima em 1982. Ali rezam em silêncio. Quando foi inaugurada, o anterior reitor do Santuário ainda pensou vedá-la para evitar “exageros”, uma vez que, canonicamente, João Paulo II não podia ainda ser venerado. Mas a devoção dos peregrinos impôs-se naturalmente.

Bento XVI chegou ao Santuário de Fátima por volta das cinco da tarde. Televisões e rádios relataram o momento sem evitar alguma euforia. O Papa Ratzinger entrou pelo lado sul da praça João Paulo II. Cruzou-se com a sombra da Cruz Alta, 34 metros de altura, feita em aço, da autoria do escultor alemão Robert Schad. Não fossem as bandeiras e os lenços, teria visto também a estátua do antecessor entre dezenas de ramos de flores, com a férula papal – báculo encimado pelo crucifixo – polida pelas mãos dos devotos. O papamóvel passou a poucos metros.

### A chegada à Cova da Iria

Numa visão transversal, sem lhe retirar a original dimensão mariana e católica, a Cova da Iria promove o reencontro simbólico com a pureza maternal, um retorno à protecção mística do transcendente feminino que a cultura católica materializou na figura da Virgem Maria. O peregrino de Fátima enquadra a experiência do religioso e da esperança, da mais rural às novas tendências esotéricas, embora a maioria dos visitantes tenha uma prática católica tradicional. É um santuário inevitavelmente aberto à pluralidade de vivências religiosas que a secularização desencadeou no próprio catolicismo. Diante da imagem da Senhora de Fátima, Bento XVI começou por se incluir neste ambiente que tem a figura maternal como denominador comum de confiança e confiança. “Quero apresentar ao vosso Coração Imaculado as alegrias e as esperanças e também os pro-



JOAQUIM FRANCO

blemas e as dores de cada um destes vossos filhos e filhas”, disse o Papa – que, enquanto cardeal responsável pela doutrina da fé, enquadrou teologicamente o fenómeno –, reconhecendo assim um certo sentido que não se esgota na devoção mais tradicional. Num posterior encontro com os bispos portugueses, diria que Fátima é o “coração espiritual de Portugal (...) onde multidões de peregrinos, vindos dos mais variados lugares da Terra, procuram reaver ou reforçar as certezas do Céu”.

Bento XVI, que veio como “peregrino de Fátima” e repetiu a ideia de que Fátima se impôs à Igreja e não o contrário, entregou a segunda Rosa de Ouro ao Santuário, a mais honrosa distinção do Vaticano. Uma peça de ouro, prata, pérolas e mármore, executada nas oficinas de ourivesaria Irmãos Tavani, em Roma, com a particularidade de incorporar elementos da iconografia de Fátima.

O Papa soltou as palmas dos peregrinos quando falou de João Paulo II, que referira a “mão invisível” da Virgem Maria para o salvar da morte no atentado a 13 de maio de 1981, na Praça de São Pedro. Nas palavras de Bento XVI, a bala oferecida ao Santuário e colocada na coroa de pedras preciosas, que acompanha a imagem da Senhora de Fátima nas principais festas da devoção, é “a bala das nossas preocupações e sofrimentos”.

As diferenças entre os dois Papas foram notadas. João Paulo II como-veu-se em silêncio, durante largos minutos na Capelinha das Aparições, ajoelhado diante da imagem. Bento XVI fez apenas uma ligeira pausa de silêncio na oração de chegada ao Santuário. A imagem do Papa Ratzinger, de joelhos a olhar para a imagem, é das mais simbólicas da viagem. Ali, naquele momento e naquela imagem, os Papas são iguais...

## A experiência

Na noite do dia 12 de maio, Bento XVI participou na oração do rosário e na bênção das velas. O recinto estava cheio. Um mar de velas acesas na mais atraente imagem que Fátima oferece, a crentes e a não crentes. Não há sondagens ou estudos de opinião que façam a leitura fiel de cada uma das lágrimas derramadas em forma de cera nas noites de vigília em Fátima, ou no adeus com lenços brancos. É na estética, nesta linguagem do belo transmissível, que se revela o mistério básico da religião, força motivadora de experiências. Os milhares de luzes que emergem ao ritmo da música, ou na cadência de quem reza, expõem emoções com assinatura própria, numa espécie de erupção do íntimo, nos sentidos e nos sentimentos.

40

É um ambiente contagiante com ou sem Papa. Talvez mais ainda sem



os incômodos inevitáveis numa visita papal. Estivesse ou não Bento XVI, esta seria uma noite cheia em plena Lua nova.

“Por essa Europa fora, nada iguala isto”, disse um dia o cardeal-arcebispo emérito de Bruxelas, Godfried Danneels. Um grande número de peregrinos fica apenas até à passagem da imagem da Senhora de Fátima, no cortejo litúrgico que, após a oração do rosário, dá início à missa da noite no altar construído na escadaria da basílica. Logo que a imagem passa, muita gente abandona o local ainda com as velas acesas, criando a ilusão de vagas de luz, e abrem-se clareiras no recinto. O verdadeiro santuário não é “um pedaço de terreno”, explicou o Papa ao lembrar a libertação de Israel e o êxodo do Egito. O que aparece em primeiro lugar “é o direito à liberdade de adoração, à liberdade de um culto próprio”. A terra é dada “para que exista um espaço aberto a Deus”. O recinto encheu, compensando o pouco concorrido acolhimento durante a tarde. O Papa recolheu mais cedo aos aposentos. Presidiu à missa da noite o cardeal D. Tarcísio Bertone, Secretário de Estado do Vaticano e um dos elementos da cúria mais ligados ao fenómeno de Fátima. Nessa noite, como em tantas outras noites de peregrinações internacionais, milhares de pessoas dormiram ao relento, enquanto outras centenas se acotovelaram em oração vigilante durante toda a madrugada na Capelinha das Aparições.

A casa de retiros de Nossa Senhora do Carmo é a casa do Papa em Fátima. Ali dormiu também João Paulo II. Os aposentos do Papa, em Lisboa e depois em Fátima, suscitaram a curiosidade jornalística, nacional e internacional, levando os serviços de imprensa do Santuário a anteciparem-se com nota informativa sobre o edifício e a sua utilização. Não é de estranhar. Antes do Conclave de 2005 que elegeu D. Joseph Ratzinger, as televisões mostraram todos os pormenores da Casa de Santa Marta, na cidade do Vaticano, construída para os mais de cem cardeais eleitores. No caso de Fátima, a curiosidade maior – o quarto do Papa – permaneceu longe de câmaras indiscretas. Um piso inteiro da casa de retiros, dezenas de quartos, ficou para o séquito. As capelas privadas das instalações ficaram à disposição do Papa, que não fez exigências quanto à alimentação. “Deve ser muito frugal à mesa”, concluiu o reitor do Santuário, padre Virgílio Antunes.

## A memória da primeira visita

Não foi a primeira visita de Ratzinger ao Santuário de Fátima. Presidiu a uma peregrinação internacional em 1996, altura em que aproveitou para se encontrar com a irmã Lúcia no Carmelo de Coimbra. Sobre a conversa com a vidente nada quis dizer. Foi nessa viagem a Portugal que o

JOAQUIM FRANCO

então cardeal Ratzinger conheceu a via-verde. Surpreendido por não ter parado na portagem, questionou o bispo de Leiria-Fátima na altura. D. Serafim Ferreira explicou-lhe o sistema, inventado por portugueses. Nunca mais se esqueceu. Ainda hoje, quando se cruza com o bispo, vem à memória a via-verde da auto-estrada entre Lisboa e Fátima.

No dia 13 de outubro de 1996, o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé teve uma homilia teologicamente exigente sobre as Bodas de Caná. Temendo que o professor Ratzinger não conseguisse deixar o discurso académico, o prelado pediu-lhe que fosse “breve e simples” a dirigir-se à multidão de peregrinos, pautando-se “pela média, abaixo da estratosfera”. Mas o cardeal da cúria não desperdiçou os créditos. “Não conseguiu largar o discurso académico” e “acabou por ser pouco acessível ou interpelante”, lembra o bispo emérito de Leiria-Fátima, realçando embora a sabedoria do então cardeal e teólogo que dirigia o dicastério menos compreendido da Santa Sé. Numa conferência de imprensa, os jornalistas questionaram o cardeal Ratzinger sobre o Terceiro Segredo de Fátima. Explicou que a Santa Sé não o publicava “para evitar a transformação da fé em sensacionalismo” e tranquilizou os mais catastrofistas garantindo que “Nossa Senhora não quer criar sensação nem responder à curiosidade humana”. A visita de 1996 prolongou-se por mais um dia devido a uma greve da Alitalia. Foi o próprio bispo de Leiria-Fátima que o informou do percalço. Ratzinger não ficou incomodado. Pelo contrário, lembra D. Serafim, o cardeal disse que ficava com mais tempo para, “com calma, digerir” o que vira no Santuário. Naquele ano, já sem o Muro de Berlim como enquadramento, uma “imagem peregrina” de Fátima – são dez as réplicas da imagem original, que viajam pelo mundo por solicitação dos devotos – andava pela Rússia, Cazaquistão e Sibéria. Ratzinger referiu a “viagem” da Senhora de Fátima e exortou os peregrinos a rezarem para que “resplandeça no mundo o rosto de Deus”.

O teólogo que alargou o horizonte da mensagem de Fátima, revelaria a interpretação do Terceiro Segredo no ano 2000 – “a história dos mártires de um século e, neste sentido, as provações dos Papas neste século e não exclusivamente o atentado de 13 de maio de 1917” –, para lhe dar maior amplitude na visita de 2010. O “bispo vestido de branco” e martirizado não é só o Papa mas, através do Papa, os martirizados da história recente e, metaforicamente, a própria Igreja. Com tão abrangente e profética leitura teológica, Fátima tem seguro de vida eterno. O tema chegou a desencadear acesa discussão entre o porta-voz, padre Lombardi, e os jornalistas acreditados em permanência no Vaticano.

O padre jesuíta que assume também as funções de diretor da Sala de Imprensa teve de esclarecer ainda uma intenção manifestada por Bento

XVI em Fátima. “Mais sete anos e voltareis aqui para celebrar o centenário” das aparições, disse o Papa aos peregrinos. Houve quem entendesse que estava a manifestar o desejo pessoal de voltar em 2017, terá na altura 90 anos. A interpretação esgotou-se com a explicação do padre Lombardi. O Papa falou prudentemente na terceira pessoa. Se tiver “vida e saúde é possível que venha, mas só Deus sabe o que acontecerá”. Nada mais natural.

A vida de um vaticanista – jornalista acreditado em permanência na sala de imprensa da Santa Sé, a *sala stampa* – não é propriamente fácil. Tem de desvendar novidades no meio de discursos hermenêuticos e simbólicos. E se “os católicos não falam católico”, ironizou já o vaticanista da CNN, John Allen, o jornalista tem de se especializar em descodificar a linguagem da Cúria num ambiente de desconfiança.

## Uma palavra para os doentes

Quando Bento XVI visita Fátima em 2010, tem na memória a visita do cardeal Ratzinger e todo o trabalho desenvolvido para enquadrar teologicamente a mensagem de Fátima. Bento XVI sabe que na Cova da Iria prevalecem as emoções e a fé é inseparável da experiência religiosa. Devotos de joelhos, com dor resignada e silenciosa no rosto, a chegar à Capelinha das Aparições ou à volta desta, são uma imagem de Fátima. Não representam a maioria dos peregrinos e das peregrinações, mas o exotismo penitencial é um postal da devoção. Num local onde a experiência do sacrifício físico se manifesta espontânea e voluntariamente, o Papa colocou o dedo numa ferida antiga quando, recorrendo ao Evangelho, se dirigiu aos cerca de 450 doentes que assistiram à celebração. A segunda leitura do Evangelho foi uma passagem da carta de Paulo aos Coríntios sobre a caridade e o Amor – que “tudo desculpa, tudo acredita, tudo espera, tudo suporta” – e Bento XVI destacou-a na homilia, no que pode ser interpretado como uma abordagem às devoções mais exacerbadas.

Há racionalidade no sofrimento? O Papa explicou a visão cristã. O cristão frutifica num “amor que se sacrifica pelos outros, mas não sacrifica os outros”. Nas crónicas de Fátima, as crianças videntes entregavam-se ao sacrifício em partilha com os pobres e pela conversão dos pecadores – “Quereis oferecer-vos a Deus para suportar os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?” (in *Memórias da Irmã Lúcia*).

Que sentido faz esta intenção quando os textos que sustentam a fé cristã convergem para a figura de Jesus como aquela que sofreu definitivamente, no sacrifício, pela humanidade? Embora residual, a tradição pe-

JOAQUIM FRANCO

nitencial de Fátima é mediática e representa um desafio para quem preconiza a Teologia do Sofrimento. Embora enquadrada num período violento e específico do século XX, em sofrido contexto nacional com tensões político-religiosas, e apesar de uma religiosidade herdeira de ancestrais expressões de ritualidade sacrificial, a Igreja deixou que a prática se prolongasse até hoje. O sentido da peregrinação, da caminhada simbólica com implicação no quotidiano, de dimensão comunitária e espiritual, dificuldade partilhada, num esforço não masoquista, convive com rituais de mortificação, expiação ou formas de promessa, moeda de troca, como dor muscular num exercício de ginásio compensada posteriormente com a perda de calorias. Faltará a pedagogia do Evangelho nos caminhos de Fátima?

Numa saudação especial aos doentes, Bento XVI citou a encíclica *Spe Salvi* (a Esperança salva) para resumir a catequese cristã do sofrimento e da Esperança... na doença. O sofrimento tem uma dimensão de inutilidade, inseparável da doença, que “desgasta a pessoa dentro de si mesma e a faz sentir-se um peso para os outros”, mas que, “vivido com Jesus, serve para a salvação dos outros” e tem força redentora.

O sofrimento, com causas e efeitos, rostos de dor e angústia, ampliou-se mediaticamente, entrou no quotidiano. E combatê-lo insere-se no moderno conceito de defesa da dignidade da vida humana, enquadrada no desenvolvimento tecnológico e das ciências da saúde.

O sofrimento, enquanto mistério paradoxal, exige a reflexão de todos os tempos e sem tempo. E percebê-lo requer o aprofundamento das grandes dúvidas da existência, arredado das preocupações da contemporaneidade.

Na fé cristã, o sofrimento tem o sentido de uma inevitabilidade enquadrada, difícil de entender como propósito pastoral que se compadece com manifestações exibicionistas de penitência física, mais ou menos íntimas, mesmo que respeitáveis no devido enquadramento social e cultural. Mais do que procurar explicações na contingência da fragilidade humana, o Papa fez em Fátima uma abordagem construtiva. No mistério de uma união espiritual ao sofrimento de Jesus de Nazaré, o sofrimento em consequência da doença tem a capacidade misteriosa de contribuir também para a salvação dos outros. Só assim o cristão encontrará “no sofrimento a paz interior e até mesmo a alegria espiritual”. As palavras dirigidas aos doentes entram num debate em que a Igreja já disse estar disposta a participar. Aceitará a sociedade secularizada esta visão cristã, entre os dilemas do ocaso com o combate à dor, e o direito à opção definitiva?

Na homilia da missa maior na peregrinação de maio, antes de se diri-

gir aos doentes, Bento XVI tinha já dito que estava ali para rezar pela humanidade “acabrunhada por misérias e sofrimentos”.

Sem escamotear os “desabafos místicos” das crianças videntes – os pastorinhos –, o Papa que insiste em introduzir a razão na experiência de fé, propôs a “vigilância interior” como porta para o encontro com o transcendente. Deus, explicou lembrando o comentário teológico à mensagem de Fátima divulgado no ano 2000, “tem o poder de chegar até nós através dos sentidos interiores, de modo que a alma recebe o toque suave de algo real que está além do sensível, tornando-a capaz de alcançar o não sensível, o não visível aos sentidos”. E logo manifestou a preocupação: “Quem vela, na noite da dúvida e da incerteza, com o coração acordado da oração?”

No altar das tribulações e dos abandonos, que Paulo VI considerou “altar do mundo”, Bento XVI introduziu a mensagem de confiança no único método que pragmaticamente garante a paz: “O homem pode despoletar um ciclo de morte e terror, mas não consegue interrompê-lo.” Resistir à tentação de comportamentos e atitudes que desencadeiam a violência e, por conseguinte, o sofrimento, será o mais importante sacrifício, a mais difícil peregrinação.

As palavras para os doentes e a homilia do Papa em Fátima introduzem uma reflexão por fazer. Podem abrir o horizonte de Fátima para um vasto olhar, não refém de um século de devoção arrastada pelas imprecisões e incertezas que a crítica histórica se encarrega de esmiuçar, só compreensível na totalidade quando analisada à luz de acontecimentos contemporâneos como a tensão entre Igreja e a I República, a tragédia da Grande Guerra e um consciente colectivo amedrontado também pelas epidemias do início do século XX.

## Fiel ao programa social

A crise fez diferença nesta viagem. Mas a crise de que Bento XVI fala desde que assumiu o pontificado não se limita à economia. Tem fundamentos mais profundos, abordados em todas as visitas, sobretudo aos países europeus. Recorde-se um curioso episódio de moda pontifícia ocorrido em setembro de 2006 e façamos memória da visita à terra natal, no mesmo ano.

Na praça de São Pedro alguém exclamou “é um *sombrero!*” O homem de branco não vacilou. Como não vacilara no Natal, quando o comentário era “parece o Pai Natal”. Bento XVI mexeu no guarda-roupa outono/inverno e primavera/verão. Na estação fria recuperou o *camauro* e protegeu-se do sol do verão com o *saturno*. Um pouco à imagem dos cir-

JOAQUIM FRANCO

cuitos de moda internacional que, de ano para ano, trazem novidades que já vimos em qualquer parte, em qualquer tempo. Parece novo, mas não é. O *saturno*, chapéu encarnado, estilo *sombrero*, com frisos dourados e abas largas, é uma antiga proteção pontifícia dos raios de sol, como o *camauro*, espécie de gorro vermelho e branco, protege do frio. João XXIII usava o *saturno* com alguma frequência. Bento XVI não resistiu e a imagem varreu as televisões porque logrou quebrar a frieza da personagem. Mas não é na imagem que o Papa alemão surpreende. Qual é a pressa de Bento XVI? Nenhuma! No dia em que apresentou o programa de pontificado, Bento XVI elegeu o “relativismo” como alvo. Na visita às memórias da infância em terras da Baviera, não hesitou em tocar na ferida. “Há uma surdez perante Deus. Já não conseguimos escutá-lo porque temos muitas frequências nos ouvidos.” O Papa pragmático está preocupado com a Europa que o viu nascer e o caminho do pontificado está traçado. Há que recuperar Deus nas linguagens e nos gestos que vão fazendo o quotidiano ocidental. Também no diálogo ecuménico, entre religiões e culturas, Bento XVI tende a clarificar as diferenças e a valorizar as semelhanças, na expectativa de que, balizando as diferenças, haja menos equívocos no diálogo e as semelhanças permitam genuínas aproximações, apenas. Uma tarefa que não é para o imediato e cujo resultado se pretende perene.

As críticas à Igreja alemã por negligenciar a evangelização quando se aplica no apoio social, terão surpreendido os menos atentos. Este Papa não gosta de equívocos. Já o dissera na primeira encíclica – *Deus Caritas est* (Deus é Amor). Há muitas formas de fazer ação social, mas a ação social da Igreja deve, no entender de Bento XVI, ser reflexo da sua motivação evangélica e, ao mesmo tempo, fazer dela eco. Sobre a relação entre a Igreja e os Estados, o Papa sublinha em *Deus Caritas est* a ideia da subsidiariedade: “Não um Estado que regule e domine tudo, mas um Estado que generosamente reconheça e apoie (...) diversas forças sociais.” Mas até onde podem ir as parcerias entre a Igreja e um Estado laico, quando a Igreja deve visar a evangelização em todas as suas ações? O pensamento do Papa afigura-se assim com um alcance maior, reafirmado em Fátima, como veremos mais adiante. Pode ser interpretado como um desafio aos próprios Estados para que assumam, sem preconceitos e como parte integrante do seu património, a múltipla importância das estruturas religiosas, na dimensão social e na espiritual. Esperando os Estados que as estruturas religiosas atuem com bom senso, sem proselitismo, embora mantendo viva a identidade espiritual que as move. Missão impossível?

Um missionário português pediu um dia o apoio de amigos em Portugal para angariar fundos que ajudassem a construir num país africano

um centro social destinado à educação, lazer, apoio médico, prevenção de sida ou de outras doenças infetocontagiosas, e até catequese. Esse missionário teve de enfrentar a oposição da sua própria congregação porque esta entendia haver outras prioridades no terreno. Quais? Recuperar uma igreja destruída na guerra. Fez-se uma campanha de solidariedade e os fundos recolhidos, poucos, foram mesmo para o centro social. Valeu a saudável teimosia do missionário e dos amigos que o apoiaram. É no terreno, nos casos concretos, com rosto, lágrimas e sorrisos, que a humanidade não é um conceito abstrato e a caridade ganha a sua verdadeira dimensão. Os anéis de Saturno – o planeta, não o chapéu pontifício – são vistosos ao telescópio. Mas lá perto, na órbita, são gigantescos pedregulhos ao sabor da gravidade. É na proximidade que as palavras têm a leitura adequada e os princípios vagos têm o devido enquadramento.

### Com o Portugal solidário

No dia 13 de maio, à tarde, enquanto o Governo anunciava medidas de austeridade para contrariar a crise, o Papa dirigia-se às organizações da Pastoral Social, assim foram denominadas as organizações convidadas para o encontro na igreja da Santíssima Trindade. D. Carlos Azevedo, o presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e organizador da visita, lançou o tema no “momento crítico que a humanidade vive, insegura sobre o futuro”, a testemunhar a “pobreza inumana, desemprego crescente, domínio de gente sem rota espiritual”, a exigir “a dimensão pública e política da caridade”.

O discurso do Papa não contemplou a situação política e económica nacional mas, na sua abordagem geral, tocou nas feridas maiores da “crise socioeconómica, cultural e espiritual” dando pistas para o trabalho social das instituições ligadas à Igreja católica. Dir-se-ia que teve o dedo de quem conhece, por dentro, o estado da nação solidária. A igreja estava cheia. Milhares de representantes de instituições de solidariedade, “despojados de qualquer tipo de poder, determinados ao serviço do bem comum”. Sem abdicarem do estudo e do aprofundamento da *Doutrina Social da Igreja*, “que assume como principal força e princípio a caridade”, Bento XVI desafiou as instituições da Igreja, para que, “unidas a todas as organizações não eclesiais, melhorem as suas capacidades de conhecimento e orientações para uma nova e grandiosa dinâmica que conduza” à civilização do amor. O discurso do Papa estava indexado à encíclica *Caritas in Veritate* e dirigia-se aos leigos, em primeiro lugar, “chamados a promover organicamente o bem comum, a justiça, e a configurar rectamente a vida social”. Sem leigos, a intransmissível função caritativa cristã

JOAQUIM FRANCO

corre o risco de se diluir noutras dimensões e plataformas de solidariedade. A “atração de novos agentes para este campo pastoral” foi uma prioridade traçada pelo Papa, preocupado com a “síntese” que caracteriza e pode fazer a diferença entre instituições – a “síntese satisfatória da vida espiritual com a ação apostólica”. A caridade cristã é mais do que solidariedade porque ultrapassa o conceito visível do amor humano e da compaixão para ganhar uma dimensão mística. Neste sentido, é um objetivo espiritual que se concretiza no dia-a-dia da solidariedade, num percurso onde cabe também a filantropia. Quem procura a caridade cristã é chamado a entrar no mistério de um Deus do qual acredita irradiar um amor incondicional e concretizável na ação humana. Sendo uma entrega, a caridade cristã não tem modelos pré-definidos e é inclusiva. Entranha-se no aprofundamento da fé, seguindo um Encontro que só faz sentido com o Outro.

## Um dilema

A exploração do sofrimento e da emoção faz parte da lógica mediática que, embora banalizando pela exaustão, faz próximos os que perto ou à distância mais sofrem. Gera sentimentos de compaixão, produz eficácia para desencadear movimentos de apoio social, contudo anula o sentido permanente da solidariedade, silencioso e discreto, que não cessa com o fim das ondas mediáticas. As instituições sociais estão no mundo mediático e são tentadas a contemplar nas respetivas estratégias, como qualquer outra plataforma de interesses, a dimensão da comunicação para ganhar visibilidade. Na visibilidade e publicidade do trabalho promove-se a “imagem” que pode melhorar... a eficácia. Um ciclo mediático: publicitar para tornar visível, tornar visível para fazer publicidade e melhorar a eficácia, mesmo que seja episódica. Neste percurso mediático, a dimensão espiritual nem sempre acompanha a dimensão social, como a caridade não se distingue da solidariedade. A “síntese satisfatória da vida espiritual com a ação apostólica”, defende o Papa, evitando que o serviço social da Igreja seja “esvaziado da motivação da fé e da esperança cristã”, é uma preocupação na perspetiva pessoal e na inspiração dos projetos, mas não entra facilmente na linguagem mediática.

## O critério da independência

48

Bento XVI insiste no reforço da identidade das instituições da Igreja católica, para “que seja clara a sua orientação (...) na inspiração dos seus objetivos, na escolha dos seus recursos humanos, nos métodos de atuação,



na qualidade dos seus serviços, na gestão séria e eficaz dos meios". Citando *Caritas in Veritate*, o Papa sublinha a necessidade de uma atividade caritativa cristã autónoma e independente da política e das ideologias, "ainda que em cooperação com os organismos do Estado para atingir fins comuns". Sabe-se que as instituições ligadas à Igreja, paróquias e outras, não estão livres de serem usadas com fins políticos, sendo preenchidas por clientelas partidárias reféns de conivências locais, tantas vezes à margem dos valores e dos princípios que estiveram na sua origem. É um risco inerente. As instituições estão ao serviço da sociedade. A autonomia e a independência são exigências de uma ética cristã que constrói redes de bom senso. Neste contexto, o que significa o apelo a critérios especiais para a "escolha de recursos humanos" e dos "métodos de atuação"? Por força das relações de parceria com organismos do Estado e de compromissos assumidos, levar à letra as palavras do Papa sem a devida contextualização, pode significar uma reconversão e redimensionamento dos instrumentos existentes, com consequências imprevisíveis na eficácia e nas relações institucionais.

Por outro lado, é muito ténue a linha que separa uma evangelização respeitadora da dignidade da pessoa, autónoma e integrada numa sociedade plural e democrática, do proselitismo primário e oportunista sob o argumento da caridade. A pista para a devida interpretação do enigma é dada pelo próprio Papa, que propõe "atividades assistenciais, educativas ou caritativas completadas com projetos de liberdade que promovam o ser humano, na busca da fraternidade universal". A caridade é incompleta sem esta abertura. O teólogo Hans Kung, seu antigo colega de faculdade e feroz crítico, não diria melhor na promoção da ética global. Quando serviços que se denominam de "inspiração cristã" segregam ou têm como objetivo primordial o proselitismo, não estão apenas a violar leis dos homens.

A Igreja na Europa, preocupada com o terreno perdido na secularização, parece esquecer o exemplo dado em trabalhos de missão *ad gentes*, com projetos integradores e respeitadores das diferenças culturais e religiosas. O exemplo maior na história recente será o da obra das Missionárias das Caridade, fundada em Calcutá por uma pequena mulher de origem albanesa - Gonxha Bojaxhiu, a Madre Teresa -, fiel à identidade cristã e, ao mesmo tempo, ecuménica e incansável na relação indiscriminada com os mais pobres. Por isso lhe prestam homenagem todos os credos e os sem-credo. Faltará na estrutura eclesial a mesma coerência que legitima, na prática, a sensatez evangélica das palavras. Nesta tensão, há apenas um certeza inquestionável: fé cristã sem caridade é um bluff.

*JOAQUIM FRANCO*

## Primeiras consequências

O apelo do Papa ao reforço da identidade católica nas instituições da Igreja – “que seja clara a sua orientação...” – não teve interpretações consensuais. Houve quem sugerisse de imediato uma nova congregação federativa e exclusiva para as IPSS da Igreja, insinuando um afastamento da Confederação Nacional das IPSS, já existente e abrangente.

O presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social entendeu reconverter o Conselho Consultivo da Pastoral Social, juntando os representantes das instituições direta ou indiretamente ligadas à Igreja (IPSS, Caritas Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas, Comissão Nacional Justiça e Paz, pastoral da saúde e das prisões...) para produzir, dois meses depois da visita do Papa, uma posição pública da Igreja sobre a crise, com a legitimidade das instituições que estão no terreno. Embora informal, nasceu assim uma nova plataforma de intervenção da Igreja no debate sobre as políticas de solidariedade, sem que, com isso, se comprometa o papel autónomo e operacional das instituições, que mantém negociações com o Governo e as autarquias sobre os regimes de parceria.

## Palmas

O discurso acutilante de Bento XVI no Encontro com as Organizações de Pastoral Social em Fátima foi ouvido num silêncio só quebrado nos últimos parágrafos. A expectativa era grande. Sabia-se de fontes próximas da organização que o Papa iria abordar neste encontro os “temas fraturantes”. E assim foi. Bastou ao Papa falar em “aborto” para se ouvirem as palmas na igreja. Entre a assistência estava também a ministra da saúde, Ana Jorge. Bento XVI exprimiu “profundo apreço por todas as iniciativas sociais e pastorais que procuram lutar contra os mecanismos socioeconómicos e culturais que levam ao aborto e que têm em vista a defesa da vida e a reconciliação e cura das pessoas feridas pelo drama do aborto”. Seria aplaudido uma segunda vez quando salientou as iniciativas que tutelam também a família “fundada sobre o matrimónio indissolúvel de um homem com uma mulher”. São iniciativas que “ajudam a responder a alguns dos mais insidiosos e perigosos desafios que se colocam ao bem comum”, acrescentou em tom grave, como quem sabe, embora lendo com dificuldade, que este era o tema que mais estimularia a assistência. Mais do que uma crítica... uma visão construtiva e diplomática. Bento XVI passou ao lado da dimensão “legislativa” do debate. É no terreno, prevenindo e apoiando iniciativas concretas de apoio às vítimas

e combate às suas motivações, que o Papa entende que devem estar prioritariamente os católicos.

Não deixa de ser irónico. Dias depois da visita do Papa, o Presidente da República, que se confessa católico, promulgou a lei do casamento entre pessoas do mesmo sexo e sujeitou-se às críticas. Apesar das explicações dadas e sendo o veto ineficaz na prática, muitos católicos lembraram as palavras de Bento XVI para acusarem Cavaco Silva de incoerência e tentarem lançar uma candidatura católica à Presidência da República.

Na verdade, as relações institucionais não foram beliscadas. A 29 de junho, solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, os planos diplomáticos foram confirmados. A comitiva papal foi condecorada por Portugal e Bento XVI nomeou Cavaco Silva Cavaleiro da Ordem Piaana, a segunda mais importante distinção da Santa Sé, atribuída a chefes de Estado. Na carta da condecoração, o Papa realça a “fé católica”, assim como “o zelo e empenho” com que o Presidente da República exerce o cargo. O primeiro-ministro, José Sócrates, o presidente da Assembleia da República, Jaime Gama, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Luís Amado, e Maria Cavaco Silva receberam as insígnias da Ordem de São Gregório, como beneméritos da Igreja.

## Os temas fraturantes

Se o mundo está em crise, a Igreja vive um dilema antropológico. O que a faz ser diferente em muitas dimensões que aos poucos foram encontrando outras respostas? Veja-se precisamente o caso do voluntariado social. É óbvia, porque é intrínseca aos seus pressupostos, a ligação do “ser” cristão ao “ser” desinteressadamente próximo dos que sofrem, dos desfavorecidos e rejeitados de todo e qualquer tempo. Mas estas são áreas onde outros grupos e pessoas, eventualmente marcados pela cultura cristã mas não necessariamente católicos e praticantes, já têm uma assinalável intervenção, tantas vezes mais eficaz que as organizações similares ligadas à Igreja.

Excetuando a dimensão espiritual, orgânica e ritualista – Fátima é exemplo –, começam a escassear as dinâmicas visíveis, mediaticamente relevantes, onde a Igreja marca a diferença. Na organização dos Estados democráticos e laicos, a Igreja é vista como parceira. Mas, na época das contingências mediáticas, como pode a Igreja fazer a diferença?

Os “temas fraturantes”, como o aborto, a eutanásia ou o casamento entre pessoas do mesmo sexo, promovem a mobilização porque marcam sem ambiguidades essa diferença, num tempo onde as diferenças se

JOAQUIM FRANCO

esbatem e as estruturas religiosas procuram referências normativas – como se a regulamentação fosse condição imperativa na vivência religiosa.

“Desde a concepção até à morte natural”, diz a Igreja em defesa da vida humana, independentemente dos contextos políticos, culturais, sociais ou científicos. Daí a Igreja colocar, num mesmo patamar mobilizador, temas como a eutanásia e o aborto. Embora discreto, é inegável o papel da Igreja na promoção da justiça social, na luta contra a pobreza e a pena de morte, na defesa dos migrantes, na denúncia do terrorismo e da guerra, na promoção da ecologia. Não houve outra posição globalmente relevante e tão áspera a condenar a execução de Saddam Hussein, como a do Vaticano. Não se ouviram palavras mais ríspidas que as de gente ligada à Igreja para condenar a atitude persecutória de alguns governos europeus com os imigrantes. Mas estes não são temas mobilizadores para uma certa elite que preconiza a influência católica nas opções políticas nem levam os párocos a incitar nos altares à indignação e à manifestação pública. Organizaram-se marchas e concentrações contra o aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Houve católicos empenhados em referendos de “fratura”. Mas não se vê o mesmo empenho em ações mobilizadoras e públicas por causas como a luta contra a pobreza e a injustiça social, tirando do anonimato o trabalho voluntário dos cristãos.

O conceito de vida humana defendido pela Igreja é das poucas matérias civilizacionais que permite uma liderança ideológica. Não admira que haja uma motivação suplementar, quando se agita a bandeira da defesa da vida. Faz a diferença. O problema está no enviesamento político da sensível questão, não no conceito ou na discussão sobre a vida humana. Mais importante do que ser legislativamente coerente é ser socialmente consequente nas ações de defesa da vida humana, de toda a vida humana, em qualquer circunstância, combatendo na origem as situações que desencadeiam atentados contra a vida, promovendo mudança de paradigmas num caminho com pragmáticas cedências, com entrega gratuita e sem proselitismo. “O amor é o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade duma vida humana”, escreveu o Bento XVI na encíclica *Deus Caritas est*. Não é uma quimera ideológica, é uma obrigação transversal, sem credo ou religião, suficientemente universal para ser incontroversa, construtiva e apelativa.

## A Caridade e a Vida

52

A Palavra que sustenta a fé cristã pode ter uma amplitude aparentemente ilógica, mas traça um percurso. A defesa da vida, em todas as cir-

cunstâncias, é um terreno vasto de acção. A encíclica *Caritas in Veritate* recupera pragmaticamente o essencial evangélico com um apelo à coerência que legitima. A defesa da vida humana está a montante da própria existência, implica responsabilidade e partilha do bem comum. A encíclica social de Bento XVI respira e transpira uma visão transcendental, o pensamento cristão sobre a vida, o Homem e o mundo. O Papa entende que a adesão aos valores cristãos não é apenas “útil, mas indispensável para a construção de uma boa sociedade e de um verdadeiro desenvolvimento humano integral”. Mas os valores cristãos estão diluídos na dimensão da defesa dos direitos inalienáveis e da construção dos deveres. Como pêndulo, moldaram sociedades que agora, por via da secularização, moldam as próprias plataformas do pensamento cristão. A evidência de um conflito suscita uma urgência de diálogo. A encíclica *Caritas in Veritate* derruba fronteiras. O Papa critica governos e gestores de um mercado falido, como nenhum político eleito teve a coragem de fazer. Rasga, no sentido positivo do termo, uma certa lógica pragmática e positivista, sem ética, que domina a economia e a política, motivadora de resignação e imprudência, geradora da crise.

Os valores que atravessam a encíclica social de Bento XVI são propostas de construção de fraternidade e contrariam pressupostos com pés de barro que servem de desculpa para adiar opções radicais. É um documento marcado pela crise, mas que permanecerá actual nas crises e entre as crises do futuro. Na senda de outros documentos importantes que definem a chamada *Doutrina Social da Igreja* – como a *Rerum Novarum* (das coisas novas) de Leão XIII, a *Pacem in Terris* (paz na Terra) de João XXIII, os documentos do Concílio Vaticano II, a *Populorum Progressio* (progresso dos povos) de Paulo VI ou a *Centesimus Annus* (ano do centenário) de João Paulo II, cada qual com a marca do seu tempo –, *Caritas in Veritate* retrata um mundo e um tempo de incertezas, com a certeza de que muita coisa tem de mudar. Está lá tudo, com uma gramática criteriosa e uma invulgar capacidade de leitura do tempo e dos sinais. Ética e justiça serão palavras-chave da encíclica, mas não chegam para compreender a(s) direção(ões) proposta(s). O Papa usa a palavra “solidariedade” dezenas de vezes. Insiste também na “fraternidade” e na “gratuidade”. Mediaticamente fez eco o apelo, que não é inédito – João XXIII já o fizera –, para uma “reforma da ONU” e a criação de uma “Autoridade Política Mundial” reguladora da globalização, reconhecida por todos, “com poder efetivo para garantir a observância da justiça, o respeito dos direitos” e planificar o desenvolvimento, orientada pelos “princípios da subsidiariedade e da solidariedade”. Propostas em jeito de renovadas utopias. Mas o texto foi elaborado com tempo, amadurecido enquanto se

JOAQUIM FRANCO

atravessava a crise. Sob o signo da crise económica, Bento XVI defende também, como dimensão imprescindível, a liberdade religiosa que “não significa indiferentismo religioso”, promotor do afastamento da dimensão transcendental da esfera pública, ou de um sincretismo que relativiza. No laicismo, por um lado, ou no fundamentalismo, por outro, “perde-se a possibilidade de um diálogo (...) entre a razão e a fé religiosa”, defende Bento XVI. A corrupção, o lucro, as deslocações de empresas – “não são lícitas somente para gozar de especiais condições” –, a reavaliação do papel dos Estados, os sistemas de segurança social, a importância das organizações sindicais – embora com novos paradigmas de luta –, a mobilidade laboral, os fluxos migratórios e o turismo sexual, o “absolutismo tecnológico” que deslumbra, a vida, o ambiente, a agricultura, os recursos naturais, a pobreza, a fome, o consumo, a liberdade, o desenvolvimento, a comunicação social, a interação cultural, a interdependência, os dilemas antropológicos... são abordagens aparentemente inconciliáveis numa única reflexão e que ganham, nesta encíclica, a forma de um ren-dilhado coerente e conciso. O que se pede é uma nova síntese humanista, porque a crise está no homem que faz as instituições e os modelos.

A História já provou que uma crise oferece possibilidades e antecipa mudanças. Bento XVI fala de confiança, mas não consegue esconder um certo ceticismo, uma dose de desalento com o homem contemporâneo, menos disponível para os valores da religião, da transcendência... da fé que, no entender do Papa, purifica a razão. “Os custos humanos são sempre custos económicos e as disfunções económicas acarretam sempre custos humanos”, por isso, não haverá fraternidade sem “transparência, honestidade e responsabilidade”.

Tendo o homem como meta, e na sequência da *Deus Caritas est*, a encíclica *Caritas in Veritate* reabre o leque de intervenção dos cristãos: “O caminho político da caridade não é menos qualificado e incisivo do que é a caridade que vai directamente ao encontro do próximo.” O Papa lembra que “a caridade é a via mestra da doutrina social da Igreja”. Mas a prática também revela que a falta de coerência é a fragilidade maior entre os cristãos, a quem o Papa se dirige em primeiro lugar. Bento XVI critica os alicerces do mercado desregrado, o “crescimento de uma classe de gestores” preocupados apenas com o lucro. Muitos gestores que se dizem cristãos foram cúmplices ou responsáveis nos caminhos da crise, aproveitaram-se dela ou das fragilidades do mercado sem regras que a provocou. Terão ficado com as orelhas a arder. Pragmaticamente, citando Eduardo Lourenço, o “humanismo somos nós” e “não somos o sujeito do amor, é ele que desce e se humilha”.

## Escolhos *ad limina*

O encontro com os bispos portugueses em Fátima, no dia 13 de maio, véspera do regresso a Roma, era aguardado com curiosidade. Seria o primeiro depois da visita *ad sacra limina Apostolorum* – visita a Roma, obrigatória de cinco em cinco anos para os bispos residenciais que reafirmam a sua unidade com a Igreja fundada sobre os Apóstolos e dão contas do estado da diocese ao Papa – em novembro de 2007 que deixou espinhas atravessadas. “Escolhos”, citando Bento XVI.

A chave do discurso do Papa aos bispos portugueses em Roma estava numa frase que aponta o desafio das novas procuras. “A Igreja não deve falar primeiro de si mesma, mas de Deus.” Fazendo eco de relatórios confidenciais entregues pelos bispos, o Papa concluiu que os católicos participam pouco na vida comunitária, logo, “é preciso encontrar novas formas de integração”. Dadas as circunstâncias, o Papa não podia ser mais explícito. Quando falou de uma mudança no “estilo de organização da comunidade eclesial” e uma nova “mentalidade dos seus membros para se ter uma Igreja ao ritmo do Concílio Vaticano II”, Bento XVI foi ao âmago. Sem meias palavras, pediu uma clarificação das funções do clero e dos leigos, “tendo em conta que todos são corresponsáveis”, numa referência ao Concílio que repôs alguma horizontalidade na Igreja. Por outras palavras, pediu uma mudança de quase tudo na estrutura pensante da Igreja em Portugal. É como se estivesse a denunciar uma estrutura eclesial com o peso da rotina e do funcionalismo.

Reprimenda, repreensão, “puxão de orelhas”, admoestação, crítica, aviso... ninguém na Igreja ignorou que Bento XVI fez uma séria advertência, a começar pelo clero, padres e episcopado. A “desculpa de Salazar” – expressão irónica usada na altura por D. Carlos Azevedo –, dos que alegam a falta de formação dos leigos, é bolorenta. O texto de Bento XVI avançou os traços gerais de um roteiro, deixando a batata quente nas mãos dos bispos. Embora um primeiro contacto possa “revestir-se duma pluralidade de formas”, a iniciação cristã, defendeu o Papa, deve passar pela Igreja, por isso “à vista da crescente maré de cristãos não praticantes (...), talvez valha a pena” os bispos verificarem a “eficácia dos percursos de iniciação”. São eles que têm de liderar a operacionalidade dos métodos, certificar a obediência na fé e salvaguardar ruturas. Têm de escutar e ir ao encontro.

Foi curiosa a reação de fora às palavras do Papa. De repente, o conservador alemão e centralista romano passou a ser o homem da clarividência e da objectividade, defensor dos leigos e anticlerical. São leituras precipitadas. O mesmo Papa que sugere a valorização do papel dos lei-

JOAQUIM FRANCO

gos como “a rota certa”, classifica como “escolhos” – dificuldade, obstáculo, perigo, revés – os debates sobre o “horizontalismo” e a “democratização” na Igreja. Bento XVI não fecha a porta a discussões sobre “o ordenamento da Igreja e a atribuição das responsabilidades”. Reafirma, no entanto, que tais questões polémicas não devem comprometer a “missão”, ou seja, estão num plano secundário. Falta perceber como se podem fazer num exercício prático balizado pela mesma carga doutrinária, os acolhimentos emergentes deste tempo.

À “pastoral da inteligência” – defendia o antigo bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes – junta-se a urgente condição de uma “fidelidade realista”, com a qual a Igreja poderá construir pontes no diálogo entre culturas e religiões. Nesta quadratura do círculo, os divorciados recasados, a moral sexual, o papel da mulher, a valorização democrática das comunidades na estrutura eclesial, a promoção da pluralidade de vivências da fé cristã ou a revisão disciplinar com o fim do celibato obrigatório, ganham particular relevo. Serão “escolhos” quando o desafio a que a Igreja se propõe é congregar num serviço ao mundo?

### *Ad intra* – “disponibilidade para aceitar aprender”

O Papa encontrou-se com os bispos portugueses no final de uma jornada cheia e emotiva diante da multidão de Fátima. À margem, ainda teve tempo para alguns cumprimentos informais, embora o esperasse no dia seguinte, último da visita, uma viagem cedo para o Porto. Se o Papa elogiou Portugal e os portugueses no dia da chegada, o presidente da Conferência Episcopal Portuguesa tratou de avançar um “roteiro” negro do País que o Papa estava prestes a deixar. Afinal, nas palavras introdutórias de D. Jorge Ortiga, Portugal “conhece a indiferença, o ateísmo, o indiferentismo, o racionalismo, o hedonismo, os atropelos à vida e à instituição familiar, o desnorte no plano ético, a miséria social”. O arcebispo de Braga vê em Portugal uma “modernidade líquida onde as referências cristãs começam a liquefazer-se, fruto de uma campanha” que quer situar a Igreja “no mundo dos retrógrados” e propõe outros modelos como “progressistas”. Também fez elogios à Nação, porque soube “multiplicar os templos, cristianizar festas e costumes pagãos”, levar o “Evangelho e a Cruz” ao mundo, evitar que o “teocentrismo medieval” se dissipasse por completo com a “era moderna” e acolher o fenómeno de Fátima. É com esta leitura do País e da História que D. Jorge Ortiga, em nome de todo o episcopado português, propõe que os bispos sejam... “esperança para todos os portugueses”.

Bento XVI não usou o tom repreensivo da visita *ad limina*, mas man-



teve a exigência da escuta no trabalho episcopal. A começar na preocupação de “formar um laicado maduro e solidário com a transformação do mundo”, exortou os bispos a apoiarem os leigos que, diante de barreiras à inspiração cristã, “defendem com coragem um pensamento católico e vigoroso”. E a terminar na exigência maior de “conhecer e compreender os factores sociais e culturais, avaliar as carências espirituais e programar eficazmente os recursos pastorais”, assumindo como fator decisivo o “ardor de santidade”.

O Papa vê os bispos reféns de uma prioridade pastoral, a atitude: “Aquilo que fascina é sobretudo o encontro com pessoas crentes que, pela sua fé, atraem”, pois “não basta tocar corações graças a simples discursos ou apelos morais e menos ainda a genéricos apelos aos valores cristãos”. Esta exigente coerência, o Papa pede-a nos meios onde “o silêncio da fé é mais amplo e profundo: políticos, intelectuais, profissionais de comunicação que professam e promovem uma proposta monocultural com menosprezo pela dimensão religiosa e contemplativa da vida”. O otimismo elogioso na chegada a Portugal transformou-se num quadro de cética leitura, habitual nas análises mais profundas de Bento XVI à situação das sociedades desenvolvidas: “No sentir de muitos a fé católica deixa de ser património comum da sociedade e, frequentemente, se vê como uma semente insidiada e ofuscada por divindades e senhores deste mundo”.

Diante do episcopado português, o Papa olhou sobretudo para dentro. Manifestou alegria por verificar a existência de novos movimentos e comunidades na Igreja – “uma nova primavera” –, mas sugeriu cautela. São conhecidas na Igreja orientações pastorais exclusivistas e fechadas, mais ou menos carismáticas, normalmente ligadas a líderes e a projetos tradicionalistas e conservadores. Por outro lado, algumas experiências de abertura na Igreja, com vocação de fronteira e linguagem ousada, têm sido toleradas por criarem eficazes mecanismos de diálogo com o mundo contemporâneo. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, entenderá o Papa, mas, acima de tudo, têm de se manter fiéis à doutrina e ao espírito de comunhão, submetidos “à guia dos Pastores” que não devem ser apenas “pessoas que ocupam um cargo, mas eles próprios carismáticos”.

Em setembro de 2010, ao discursar no Vaticano para 120 novos bispos católicos de todo o mundo, Bento XVI sintetizou as responsabilidades de um bispo. Deve ser “forte e decidido, justo e sereno para um discernimento sábio sobre as pessoas, a realidade e os acontecimentos”. Trata-se de uma “perspetiva de fé e não puramente humana, administrativa ou de tipo sociológico (...) porque não é um mero governante, ou um buro-

JOAQUIM FRANCO

crata, ou um simples moderador e organizador da vida diocesana". Um bispo deve ter, concluiu o Papa, a "superior capacidade de criar um clima de confiança, acolhimento e afeto, mas também de franqueza e justiça". Capacidades de um grande líder.

Na sequência do discurso que fizera na visita *ad limina*, e que suscitara várias interpretações, Bento XVI exortou em Fátima os bispos portugueses ao discernimento, para facilitar "a compreensão espiritual e humana que sabe unir guia (direção), gratidão e uma certa abertura e disponibilidade para aceitar aprender". O resto, conclui-se nas entrelinhas, é criatividade com insondável alcance. A mesma criatividade que o Papa pede na criação e no aperfeiçoamento das organizações de caridade, "para corresponder a todas as pobrezas, mesmo a falta de sentido da vida e de ausência de esperança".

